

**Questões teórico-metodológicas e de análise  
que ecoam do Diário de Narciso**

---

Theoretical-methodological and analysis questions that  
ecoam from the Diary of Narciso

**Nirvana Ferraz Santos Sampaio**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB /BRASIL)

**Iva Ribeiro Cota**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB /BRASIL)

**Lucélia Texeira Santana**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB /BRASIL)

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DA BAHIA (FAPESB/BRASIL)

**Raiane Silva Souza**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB /BRASIL)

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DA BAHIA (FAPESB/BRASIL)

**RESUMO**

Este artigo apresenta pressupostos teóricos dos trabalhos desenvolvidos no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO A), à luz dos preceitos formulados inicialmente no livro “Diário de Narciso” (1986/1988). Para tanto, partimos dos postulados da Neurolinguística Discursiva (ND), que estuda a relação entre cérebro e linguagem no âmbito de seu uso efetivo e social. Os dados foram coletados a partir de acompanhamentos longitudinais; as análises se baseiam no conceito de “dado-achado” e na pesquisa de caráter qualitativo. As intervenções realizadas pelos pesquisadores por meio das atividades no ECOA possibilitaram a inserção do sujeito, apesar de suas dificuldades, nas mais variadas práticas sociais de uso da linguagem.

---

\* Sobre as autoras ver página 69-70.

Viabilizaram, ainda, ao afásico o exercício de sua subjetividade pela linguagem, com a mediação dos pesquisadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Neurolinguística. Afasia.

#### **ABSTRACT**

*This paper presents the theoretical assumptions of the works performed in the "Espaço de Convivência entre Afásicos e não afásicos" (ECO A, in the State University of Southwestern Bahia, situated in the municipality of Vitória da Conquista; State of Bahia), according to the precepts present in the book "Diário de Narciso" (1986/1988). For this purpose, the postulates of discursive neurolinguistics, which studies the relation between brain and language in life in community, were taken as a guideline. The analyzed data were collected from longitudinal follow-ups. Analyses are based in the concept so-called "dado-achado" and in a qualitative research. The Interventions of the researchers that were made by means of activities in ECO A, permitted the subject to be inserted into several language usage social practices, they also enabled the aphasic to practice her subjectivity via language, once there were utterances productions during researcher's mediations.*

**KEYWORDS:** Language. Neurolinguistics. Aphasia.

## **1 Introdução**

Apresentamos, neste texto<sup>1</sup>, algumas questões teórico-metodológicas que consideramos relevantes para o desenvolvimento dos trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN), no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO A)<sup>2</sup>, que funciona no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Essas pesquisas estão afinadas com os preceitos norteadores apresentados inicialmente no livro *Diário de Narciso: discurso e afasia* (1988), de autoria de Maria Irma Hadler Coudry.

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Profa. Dra. Rosana Novais Pinto pela leitura cuidadosa deste texto e pelas valiosas sugestões.

<sup>2</sup> Além de fazer parte da Sigla que remete ao espaço de convivência, *Eco*, aqui, também remete à mitologia representando uma ninfa, reconhecida pelo seu encanto, juventude e beleza. Eco vivia nas montanhas e nas grutas. Foi uma das ninfas que acompanhou a deusa Hera quando esta se casou com Zeus. Eco tinha a tarefa de distrair a atenção de Hera, com conversas e cantos, sempre que Zeus se ausentava nas suas aventuras amorosas com deusas e mortais. Quando Hera descobriu a artimanha, castigou Eco, retirando-lhe a voz e fazendo-a repetir sempre a última sílaba das palavras que eram faladas na sua presença. Eco ficou conhecida como a ninfa que não sabia falar. (Cf. Ovídio, trad. 2003). Tempos depois, Eco apaixonou-se por Narciso, mas impedida de lhe confessar o seu amor e ignorada por ele, refugiou-se nas cavernas, onde morreu de desgosto e onde ainda hoje se consegue ouvir o eco da sua voz. Quanto a Narciso, este foi castigado pelos deuses por ter recusado Eco. Condenado a apaixonar-se pela sua própria imagem, Narciso morreu ao olhar para o rosto refletido nas águas de um lago.

Dividimos este artigo em duas seções principais, quais sejam: Seção 1, na qual abordamos questões teórico metodológicas pertinentes à área e Seção 2, na qual abordamos questões de análise, além de outras considerações.

## 2 Questões teórico-metodológicas

A questão que abordamos, inicialmente, diz respeito aos pressupostos teóricos utilizados nas pesquisas desenvolvidas a partir das dinâmicas do ECOA., Com as leituras de Jakobson (1954; 1956), Benveniste (1966) e Franchi (1977), por um lado, e de Freud (1891), Vygotsky (1934) e Luria (1977), por outro, retomamos algumas das teorias que pautaram a abordagem de Coudry, ao longo dos seus trabalhos a respeito da relação entre cérebro e linguagem, desde 1986. Compreende-se, a partir desses autores, a hierarquia entre as unidades que compõem o sistema linguístico e o cérebro como sistemas funcionais complexos. As áreas cerebrais são interdependentes e inter-relacionadas, funcionando em sintonia – como em uma orquestra, analogia proposta por Luria (1977). Nessa linha, compreendemos a linguagem como atividade constitutiva (FRANCHI, 1977) e consideramos que a enunciação coloca em funcionamento a língua por um ato individual de utilização (BENVENISTE, 1970). Esses pressupostos nos levam à conclusão de que o *sujeito* e a *sua relação com a linguagem* são chaves-mestras para abordar casos de patologia de linguagem.

De acordo com Coudry e Freire (2010), a teorização no âmbito da ND parte de uma perspectiva discursiva que orienta tanto a prática clínica quanto a análise de dados de linguagem, ambas fundamentadas em diversos domínios da Linguística, bem como em estudos nos campos da Neurologia, da Neuropsicologia e da Fonoaudiologia, dentre outros. Destaca-se, por exemplo, a articulação de preceitos de Vygotsky (1934) e de Luria (1977) que se referem à instalação, perda e recuperação de funções no sistema nervoso central e que permite considerar tanto as variáveis que interferem na filogênese – a história evolutiva da espécie – como na sociogênese – as formações sociais, histórico-culturalmente definidas e, ainda, na ontogênese – ou história individual dos sujeitos.

Em 2011 foi criado o *Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos* (ECOA), no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com o objetivo de promover mais oportunidades de participação social e de interações entre sujeitos com alterações de linguagem, principalmente a afasia<sup>3</sup>. Os trabalhos do ECOA foram influenciados no saber-fazer da ND, tais como apresentados por Coudry (1986/1988; 1997, 2008) e Coudry e Freire (2010), tendo por objetivos promover o bem-estar dos sujeitos, à compreensão da afasia e de suas consequências psicossociais, visando desenvolver interações mais satisfatórias

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que as pesquisas são desenvolvidas sempre com a aprovação do CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa), com a assinatura dos sujeitos ou responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e com a garantia da preservação da identidade dos participantes.

nos círculos sociais, com um papel ativo; que os ajudem a refletir sobre sua própria condição.

Além do programa de extensão comunitária, o ECOA tem o objetivo de promover pesquisa e ensino, de forma a proporcionar aos alunos/pesquisadores da graduação em Letras, em Pedagogia, em Psicologia e em Medicina, e, também, aos alunos do programa de Pós-Graduação em Linguística a oportunidade de (i) desenvolver ações – tanto em nível individual quanto coletivo – elaborando atividades significativas para o trabalho de avaliação e de acompanhamento longitudinal dos sujeitos; (ii) compreender e analisar criticamente teorias e conceitos envolvidos no campo da Linguística<sup>4</sup> e da Neurolinguística e (iii) conhecer métodos e técnicas de investigação e elaboração de trabalhos acadêmicos e científicos.

Quanto à metodologia, uma das críticas que enfrentamos tem a ver com a natureza qualitativa dos estudos, baseada nos preceitos de Vygotsky (1995), para quem o indivíduo é manifestação singular de um amplo conjunto de relações sociais. O desafio metodológico, portanto, é o de “[...] mostrar na esfera do problema que nos interessa como se manifesta o grande no pequeno” (VYGOTSKY, 1995, p. 64). E é nessa relação dialógica entre o coletivo e o singular e vice-versa, que se localiza o ponto central da investigação. Dessa forma, desde a observação até a análise dos dados, considera-se que há uma ligação entre o contexto vivido, as relações sociais e a construção do sujeito, que não pode ser traduzida em números, mas sim na descrição e interpretação dos fenômenos estudados, atribuindo-lhes significado.

O paradigma qualitativo é harmônico com os pressupostos teórico-metodológicos apresentados no livro “Diário de Narciso”, onde a pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos e, portanto, dialógica; na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo. Enfatiza-se nessa abordagem a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico, no qual o *particular* é considerado uma instância da totalidade social, ou seja, que o particular trata daquilo que é próprio do sujeito e de sua história e o *geral* considera o sujeito participante como datado histórica e socialmente. Dessa forma, esse paradigma de investigação implica “nas características processuais e éticas do fazer pesquisa em Ciências Humanas que se refletem na relação pesquisador-pesquisado, nos próprios instrumentos utilizados e na análise de dados” (FREITAS, 2002, p. 21). Primeiramente, aparece em oposição ao modelo quantitativo aplicado às ciências exatas e adaptado às ciências humanas no século XIX, com o intuito de imprimir-lhe caráter científico e racional. Admite-se, entretanto, que as abordagens quantitativas e qualitativas possam ser complementares. É de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais ecológicos e concretos (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247).e aprofundadas em seus significados mais essenciais. De acordo com esses autores, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa. Os números teriam, dessa forma, o intuito de mostrar a regularidade de alguns fatos linguísticos e podem “contar uma história”. Entretanto, esses fatos devem ser analisados segundo o paradigma

---

<sup>4</sup> Bastos e Novaes-Pinto (2014, p. 910) enfatizam que “a neurolinguística de bases sócio-histórico-culturais se constitui como área de ensino e de pesquisa, sendo a linguística o posto privilegiado de observação dos fenômenos linguísticos implicados nas patologias”.

qualitativo, ou seja, descritos, compreendidos e explicados, levando em conta os processos de significação que o sujeito tenta produzir.

Acerca da natureza do dado em neurolinguística, partimos das definições de Coudry (1996), autora que postula o conceito de *dado-achado*. Nessa perspectiva, os dados são singulares e não *dados-exemplos* construídos por hipóteses prévias, cuja verificação empírica inexistente. Não são dados, portanto, que ilustram hipóteses. Também não são *dados-evidência*, como aqueles produzidos pela psicometria behaviorista, na qual a quantificação está a serviço da comprovação de modelos.

Em nossa metodologia, há espaço estabelecemos um intervalo na pesquisa para que ações com a linguagem oral ou escrita tenham lugar. É nesse momento que o investigador atua fazendo os sujeitos produzirem aquilo que o achado havia mostrado como o ponto do problema. Consideramos relevantes os dados que dão visibilidade a fatos de linguagem, ou seja, a dados que não são simplesmente evidências ou exemplos (Cf. COUDRY, 1996); mas sim aqueles que apresentam variabilidade e singularidade ou seja, os *dados-achados*.

A amostra – ou conjunto de dados – é definida, descrita e analisada por meio de uma empiria ancorada em conhecimento teórico que considera a relação entre o objeto da pesquisa e o *corpus* a ser pesquisado. Optamos pelo critério de “saturação” para definir a amostra, segundo Minayo (2006), para quem o interrompimento da coleta é definido quando o pesquisador percebe que novos elementos não são mais apreendidos naquele campo de observação. A neutralidade do investigador é impossível no tipo de pesquisa que desenvolvemos, já que cabe a ele descrever, explicar e interpretar os fenômenos que estuda, numa constante “troca” com o sujeito de sua pesquisa. Entretanto, não afirmamos, com isso, que qualquer interpretação seja válida. Conforme veremos a seguir, faz-se necessário um “rigor metodológico” na abordagem, como apontam Coudry e Freire (2010):

Tal como ocorre com a análise do dado-achado, a interpretação do dado singular ajuda a entender o fato linguístico-cognitivo que se apresenta de maneira indeterminada, a fim de que seja revelado o que não se vê à primeira vista. Nos dois casos é crucial estabelecer critérios – os denominados procedimentos heurísticos na ND – que orientam a identificação e a seleção dos dados, tomados, então, como representativos do que se considera “singularidade reveladora” (tal como se denomina no paradigma indiciário) ou dado-achado, e que provoca o movimento da teoria em busca de explicação. Pelo que se expôs, compartilhamos do paradigma indiciário, como em Ginzburg<sup>5</sup>, o conceito de “rigor metodológico”, interpretado de forma flexível, uma vez que entram em jogo outros fatores, como a intuição do investigador na observação do particular, sua capacidade de formular hipóteses explicativas pertinentes e instigadoras para aspectos opacos da realidade que não são diretamente

---

<sup>5</sup> O *dado singular* é um conceito crucial na teoria desenvolvida por Carlo Ginzburg, historiador italiano, autor do livro “Sinai: raízes de um paradigma indiciário”, de 1986, que teve um importante papel no interior das ciências humanas e na estreita relação com a semiologia médica.

apreendidos, mas que podem ser descobertos através dos achados ou dos indícios (COUDRY; FREIRE, 1996, p. 26).

Nesse sentido, acreditamos que a metodologia de acompanhamento longitudinal (o uso de ferramentas importantes como a *agenda*, em que o sujeito ou o familiar registra o cotidiano do sujeito, as gravações e filmagens das sessões) pode ser replicável, visto que nela há um rigor metodológico. Ou seja, há sistematização das atividades realizadas com os sujeitos para a produção e análise dos dados. Entretanto, os dados que ocorrem em meio à interlocução, aos atores sociais, à micro e macro-história são idiossincráticos, visto que lhe são atribuídos um estatuto teórico específico, em virtude das perguntas que se desejam ver incorporadas por uma teoria da linguagem mais abrangente e interessada não somente nas questões formais do objeto linguístico, mas também no modo e na história da sua constituição.

Essa metodologia possibilita que se examine pormenores e marcas individuais presentes nas várias atividades humanas, dentre elas a linguagem; permite lidar com diferenças, mais do que com semelhanças; com o que é atípico (ou com anormalidades), mais do que com o que é típico. Permite ao pesquisador/analista buscar explicações, mais do que tentar encontrar evidências para teorias existentes.

### 3 Questões de análise e de intervenção

Duas questões geralmente são feitas em ocasiões de apresentação e avaliação dos trabalhos por nós desenvolvidos, relativas a como são realizadas as análises dos dados e como se desenvolvem os acompanhamentos longitudinais. Para responder a essas questões, apresentamos dados de alguns sujeitos que frequentam o ECOA.

Os sujeitos ingressam no ECOA por meio de encaminhados ao LAPEN, feitos por profissionais de diversas áreas, tais como neurologistas, geriatras e fonoaudiólogos, além de médicos que atendem no Centro Universitário de Atenção à Saúde (Ceuas) da UESB. Atualmente, contamos com doze sujeitos que foram entrevistados pelos pesquisadores. Nessas ocasiões são anotadas informações referentes à identificação, a história de vida, etiologia da doença, as principais mudanças no cotidiano do sujeito após o retorno para casa, como o sujeito se comporta com a família, amigos e cuidadores em relação às interações. Essas informações são arquivadas e compõem o dado de dados. Passamos, a seguir, a caracterizar três sujeitos do grupo, cujos dados compõem este artigo.

RG<sup>6</sup>, nasceu em 1977, atualmente com 40 anos. É, solteira, brasileira, com nível superior, alegre e carismática. Segundo diagnóstico médico, apresenta uma afasia como seqüela de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (AVCi) decorrente de trombose de seio venoso<sup>7</sup>. O relato de RG sobre as lembranças

<sup>6</sup> O caso foi tema da dissertação de mestrado de Cota (2012), tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESB, com o parecer: 061/2010.

<sup>7</sup> A trombose venosa é a oclusão parcial ou total da veia por trombo que pode acometer veias superficiais das extremidades, resultando na chamada tromboflebite superficial, ou veias

do episódio neurológico vivenciado por ela em 12 de janeiro de 2009 remete a um dia comum, com o convite para almoçar com a mãe e a carona do irmão para o retorno ao trabalho. Nesse percurso, RG teve um mal-estar inesperado, marcado por uma fala desconexa e uma ida urgente para o hospital. Depois de muitos exames e alguns dias internada, foi dado a ela o diagnóstico de AVCi. Segundo ressonância magnética do crânio, a lesão acometeu uma área cortical, à esquerda, que envolve os lobos temporal e occipital. No relatório médico consta que RG apresenta *afasia sensorial*.

Na entrevista, em junho de 2011, quando RG inicia no grupo, ela relata que a linguagem ficou perturbada, por exemplo, quando em uma situação não conseguia evocar a palavra para nomear aquilo que desejava comer. Buscou incansavelmente na TV uma propaganda de biscoito que pudesse ajuda-la a enunciar “biscoito”. Em outro momento, percebeu que passou a chamar a sua mãe de “flovativa”.

OJ<sup>8</sup>, homem de 35 anos,, casado, pai de uma menina de 12 anos, com ensino fundamental II incompleto (estudou até a 5ª série). Reside em uma cidade localizada a 182 km de Vitória da Conquista, com a família. Todas as semanas, OJ viaja, aproximadamente 2h45min para participar das sessões de acompanhamento no ECOA.

OJ é uma pessoa muito vaidosa, amigável, carismática e brincalhona. Segundo relato da esposa, “às vezes até mais se parece com um menino” (SIC). É também, explosivo e reclama sempre quando algo não lhe agrada, ficando nervoso e se mostrando bem teimoso. Dada a sua (im)possibilidade de falar, OJ relata, juntamente com a esposa, que em 08 de maio de 2011, após ter ido a uma festa e ingerido uma quantidade alta de bebidas alcoólicas, chegou em sua casa, deitou-se normalmente e horas depois acordou sentindo-se mal, sem conseguir falar ou levantar-se da cama. Sua esposa chamou um médico em sua casa que, ao chegar, o examinou e os orientou para que OJ fosse levado para um hospital em Vitória da Conquista. Foi preciso ficar um tempo aguardando uma vaga na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI).

Segundo laudo médico, OJ sofreu um AVCi com sequelas de linguagem e hemiplegia à direita. No laudo da angio-ressonância magnética cerebral (com estudo da artéria carótida), verificou-se que o AVCi aconteceu devido a uma obstrução completa da artéria carótida interna esquerda. No relatório do neurologista consta ainda o diagnóstico de *afasia de expressão*. No dia 29 de setembro de 2011, OJ iniciou o acompanhamento no ECOA.

O sujeito NS<sup>9</sup> nasceu em 1939 e era pastor, apresentando-se sempre muito sério e conservador. Em dezembro de 2013, aos 74 anos, foi internado com quadro de AVCi de artéria cerebral média esquerda. A ressonância magnética do crânio apontou para achados compatíveis com infarto isquêmico agudo no lobo frontal/opérculo frontal à esquerda. Focos de sinal alterado na substância branca profunda e subcortical, mas provavelmente representando

---

profundas, conhecidas como *trombose venosa profunda*. A trombose venosa pode resultar de lesão traumática ou inflamatória do endotélio venoso (PRESTI, 2006).

<sup>8</sup> O caso foi tema da dissertação de mestrado de Santana (2015), tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESB, com o parecer: 26689514.5.0000.0055.

<sup>9</sup> O caso foi tema da dissertação de mestrado de Souza (2016), tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESB, com o parecer: 31945114.8.0000.00.55.

gliose<sup>10</sup> por microangiopatia isquêmica. A tomografia computadorizada do crânio ainda aponta para ausência de fraturas e para a preservação de estruturas da fossa posterior e da linha média.

Conforme o relatório fonoaudiológico de encaminhamento do caso, OJ não conseguiu responder com coerência às perguntas simples feitas em entrevista, não atendeu aos comandos e muitas vezes repetiu o que foi enunciado. Não conseguiu nomear as palavras referentes às figuras apresentadas em teste de nomeação. Como estratégia facilitadora, foi dada a primeira sílaba dos nomes das figuras, mas mesmo assim o paciente não conseguiu nomear. De acordo com a literatura neuropsicológica, esses sinais indicariam a ocorrência de uma anomia<sup>11</sup> e, o relatório do fonoaudiólogo aponta que o sujeito necessita de terapia.

Esclarecemos que planejamos todas as atividades de forma sistemática, com o intuito de estimular os sujeitos a se envolverem nas práticas de linguagem promovidas nos encontros. No momento das sessões, há uma aproximação entre o pesquisador e o sujeito; busca-se uma relação mais simétrica, visto que ambos são interlocutores que constroem sentidos, ao longo do processo dialógico. No momento das análises, o pesquisador assume um outro papel, o de refletir sobre o que ocorreu naquela sessão em relação à linguagem. Por isso, as sessões são gravadas. Muitas vezes, é apenas em um segundo momento que conseguimos compreender algumas das tentativas dos sujeitos para se fazer entender, dos significantes produzidos, dos gestos usados. Passamos, pois, aos dados.

Quadro 1. Dado<sup>12</sup>: *Mundo fantástico de Bob*

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	RG	É igual a um trabalho, vamos pensar assim, um		

<sup>10</sup> O termo “gliose” é usado para descrever o quadro quando alguns pontos pequenos do cérebro, geralmente em áreas mais profundas, recebem pouco oxigênio, glicose e irrigação sanguínea, levando à morte dos neurônios nestes pontos.

<sup>11</sup> No campo da Neurolinguística e da Neuropsicologia encontramos um sintoma afásico caracterizado pela incapacidade (ou dificuldade) de nomear objetos ou de evocar palavras durante a enunciação. Este tipo de alteração afásica é denominado pelo termo “anomia” que, remetendo etimologicamente ao vocábulo grego “onoma”, significa “sem nome” ou “ausência de nome” (RAJER, 2011, p. 10).

<sup>12</sup> Cabe mencionar que seguimos, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para realizar os registros dos acompanhamentos no ECOA. Utilizamos, dessa forma, tabela composta por: colunas com Numeração do Turno Conversacional; Sigla do Locutor (duas letras maiúsculas identificando o sujeito afásico (exemplo RG) e o investigador é identificado por uma sigla de três letras, na qual a primeira será “I” (Investigador), exemplo Ins; Transcrição (que é ortográfica, com : para alongamento de vogais, / para pausa breve, // para pausa longa, ? pergunta e ! exclamação); Observações sobre Condições de Produção de Processos de Significação Verbal e Observações sobre Condições de Produção de Processos de Significação Não-verbais (espaço destinado para se explicitar a natureza dos dados, o que foi dito. Engloba observações acerca do *ritmo* – pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa etc – e o do *tom* - afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração etc. Há, também, observações sobre os gestos (não-verbais).

		trabalho, se você fizer o trabalho, se você entrou agora nessa empresa e você começou do\, da faxina e aí você vai subindo de, de, de nível, e, igual escola a gente começa do, você não sabia nada e você vai subindo, você vai subindo até a faculdade, pós, doutorado, pós doutorado. Então, assim, é igualzinho aquilo de grão em grão a gente vai, vai é a galinha vai\ . Eu tô pensando sabe o quê?		
2	Ins	Hum?		
3	RG	Sabe aquela\		
4	Iic	Pode falar a sessão hoje está livre para tudo, sem censuras.		
5	RG	Sabe aquele filme das galinhas? Da galinha, você sabe qual é? Que tem um, um que a galinha \		
6	Ins	A fuga das galinhas?		
7	RG	Isso! Que no final, no início, que uma galinha ia colocar, colocou a galinha num negócio pra\ . Eu tava imaginando se a galinha pegar o, a, como é que fala aquele negócio \ a enxada, e se ele tivesse, se ele		Risos.
8	Iic	Se ele o que, minha Nossa Senhora?		
9	RG	Como é o nome? A enxada pegou a galinha e pegou a enxada e tivesse ma, matado a galinha, aí ia sair		Risos.

		um monte de milho, tuf.		
10	Iic	Foi, primeiro, isso que você pensou?		
11	RG	Mundo fantástico de Bob, sabe?		

Fonte: Banco de dados do Ecoa/Lapen.

Ao longo da interpretação do provérbio, RG revela o processo que desencadeou a significação, se valendo de situações cotidianas, na tentativa de explicar o sentido do provérbio.

As imagens literais que aparecem ao ouvir o provérbio “De grão em grão a galinha enche o papo” remetem à galinha e grãos. O curso da análise dessa situação pode indicar que o sujeito, primeiro, se remete ao significado literal de forma ampla para, apenas depois, atingir seu sentido figurado. Entretanto, RG não consegue chegar ao sentido figurado e abstrair para, por exemplo, o sentido conotativo “Se trabalharmos e pouparmos, conseguiremos obter um bom pecúlio ou um grande patrimônio.”

RG atribui as suas dificuldades de linguagem à sua “cabeça”, visto que ela se refere à sua cabeça como a “doida”, conforme o dado a seguir, em que justifica a produção de uma parafasia ao longo de sua produção.

Quadro 2. Dado A doida

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	RG	Mas não sou eu, não. É ela, a cabeça que é doida.		Aponta para a cabeça

Fonte: Banco de dados do Ecoa/Lapen

Essas desvinculações do *eu afásico* de RG, com o tempo, foram superadas por meio da autoconfiança adquirida por meio das diversas formas de interação, proporcionadas pelos investigadores, somadas às experiências vivenciadas no ECOA e deixaram de ser utilizadas por RG, pois, sente-se mais à vontade nas interações.

Por meio dos relatos e da interação com esse sujeito, pode-se verificar que o processo de reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro; um outro que possa escutar, um outro que possa intervir. É no momento em que RG relata a sua história e a sua rotina, quando convive com o investigador –com seus anseios ou seus gostos –, compartilhando com ele suas ideias – que a sua dificuldade transforma-se em estímulo para o processo de reconstrução da linguagem.

Quadro 3. Dado *Cigura* ou *sigura*

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Meu problema não é isso. Meu problema, ó, é que eu tenho largura. Então, assim, minha, minha cigura, / cintura é assim.		Fazendo gesto com as mãos, demonstrando a circunferência da cintura.

Fonte: Banco de dados do Ecoa/Lapen.

Ao tentar pronunciar a palavra “cintura”, RG elimina o fonema [n] em uma espécie de assimilação. Na forma produzida, “cigura”, a consoante oclusiva alveolar [t], [+ anterior] realiza-se como oclusiva velar [g], que é [+posterior] dada a proximidade da vogal [u]. Pode-se supor que a perda da nasalidade da vogal que antecede a forma “cintura” para “cigura” conduz à produção de um segmento [+ sonoro] como [g]. Pode-se considerar como uma parafasia fonético-fonológica (cigura por cintura) ou mista (fonético-fonológica e semântica), visto que vem “sigura em sua relação com “largura” e com o gesto de segurar a própria cintura). Trabalho epi e metalinguístico.

Reunindo esses dados e análises, verificamos o quanto as abordagens da fonética e da fonologia podem ser produtivas nos estudos de casos de afasia, mas não são o suficiente. As manifestações linguísticas do sujeito afásico devem ser analisadas dentro das possibilidades da língua, em construções que revelam o caminho trilhado pelo sujeito, visto que os componentes de qualquer “mensagem” estão ligados necessariamente ao código por uma relação interna de equivalência e ao contexto por uma relação externa de contiguidade (cf. JAKOBSON, 1970, p. 48).

Jakobson (1970) reitera, ainda, que “as perdas e compensações na afasia lançam novas luzes na inter-relação dos elementos chamados cognitivos e expressivos na língua” (JAKOBSON, 1970, p. 45). Desse modo, o contexto patológico permite visualizar o processo como o sujeito se move na língua, como trabalha sobre os seus recursos para produzir a linguagem, uma atividade heterogênea e multifacetada. Ou seja, o modo como o sujeito lida com seus déficits é singular. Por isso, podemos encontrar sujeitos com uma lesão bastante semelhante quanto à extensão e locus, mas com características linguísticas diferentes.

Ao trabalharmos com *sketches*, que são a representação de cenas enunciativas que mobilizam processos de significação verbais e não-verbais (COUDRY, 2002)– nesse caso, a ida de OJ até a farmácia –, percebemos, inicialmente, que esse sujeito, ao ser questionado sobre qual *sketch* gostaria de começar, responde prontamente utilizando a escrita da própria ficha que continha a palavra “farmácia”, Vejamos:

Quadro 4. Dado<sup>13</sup>: AAS, Ék, AA-S.

Turnos	Siglas do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não-verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais
1	Ils	Primeiro nós vamos o quê? <i>Consulta médica, conversa com fisioterapeuta ou farmácia ou loja comprar roupas ou ECOA? Qual você prefere?</i>		
2	Oj	Esse daqui.	Aponta para o nome farmácia	
3	Ils	Farmácia?		
4	Oj	Hum hum	Balança cabeça afirmando	
5	Ils	Certo, então esse é meu e esse é seu.	Entrego a ficha de <i>Sketche</i> com a fala dele	
6	Ins	Então, você vai para farmácia. Aí fala assim: O Oj vai até a farmácia para comprar AAS que acabou		
7	Oj	Hum		
8	Ils	Aí você vai na farmácia. Aí aqui tá marcando ó. Você vai lá vê o farmacêutico e : Bom dia!		
9	Oj	Eu?		
10	Ils	Você fala o quê?		
11	Oj	Pa		
12	Ils	Pro farmacêutico?		
13	Oj	Que tava aqui		
14	Ils	Bom dia!		
15	Oj	Eu		
16	Ils	Bom		
17	Oj	Dia		
18	Ils	Bom dia. Aí você vai pedir. O que você veio comprar? O que o Senhor quer?		

<sup>13</sup> Dado transcrito por Lucélia Santana.

19	OJ	Éé		
20	Íls	Você veio comprar o que na farmácia?		
21	OJ	Á aqui ó	mostra o nome AAS no papel	
22	Ils	Sim, e aí? O que você veio comprar? AS		
23	OJ	Aissi		
24	Ils	AS		
25	OJ	Ék		
26	ILs e OJ	A-AS		
27	Ils	Aí eu vou e pergunto a você, aí eu vou e falo: Tem sim... O senhor prefere AAS pra adulto ou AAS pra criança?		
28	OJ	...Éee	Fica pensando e olhando fixo para a ficha	
29	Ils	Pode falar sem olhar pra ficha se você quiser		
30	Recorte...			

Fonte: Banco de dados do Ecoa/Lapen.

Observamos que houve preferência, por parte de OJ, pela utilização da escrita no lugar da fala; na sua escolha ao assinalar a ficha “farmácia”, apesar de várias tentativas por parte dos interlocutores para que ele falasse. Isto se repete novamente quando precisa pronunciar o nome do medicamento, no turno 21. O medicamento foi escolhido para estar na ficha por sabermos que o sujeito fazia o uso dele e o comprava na farmácia de sua cidade.

Ele pronuncia “Aaquió” e aponta novamente para a palavra na ficha. A identificação da palavra exata na ficha mostra que OJ está selecionando corretamente o item lexical e que o problema está na produção articulatória da palavra. Indica, também, que este afásico percebe suas dificuldades. Sempre que encontra oportunidade de fugir da oralidade, ele o faz, utilizando-se da escrita para se comunicar. Até percebermos que a oralidade está sendo evitada, o convidamos para produzir seus enunciados verbalmente e perguntamos: “E aí? O que você veio comprar? E, em seguida, com “A-S” ele responde na linha 23 “Aissi”.

No turno 26, a pronúncia AAS tem o intuito de levá-lo à reorganização, o que ele faz ]produzindo “Ék”. (provavelmente é que... nao dá para dizer que isso vem no lugar de AS) Em uma nova tentativa, Ils pronuncia novamente a palavra AAS olhando para OJ, que desta vez consegue acompanhá-la, falando junto com ela a palavra que ambos desejavam produzir. OJ conseguiu verbalizar oralmente a palavra, ao fazer a leitura labial de ILs. Na linha 28, por fim, OJ procura sua fala na ficha e ILs sugere que ele improvise.

O que pretendemos enfatizar é que, apesar do *sketch* ser uma atividade que tinha como objetivo estimular o uso da oralidade, neste episódio, o foco foi redimensionado para a escrita que foi efetivamente produzida pelo sujeito. Para que o uso da fala acontecesse, foi preciso, primeiro, passar pela escrita. O papel dos mediadores foi o de convidar o afásico para que produzisse oralmente, sem desvalorizar seus processos alternativos de significação.

Em um outro momento do trabalho, durante o acompanhamento individual de NS, Ins e Irs (pesquisadoras/mediadoras) estavam lendo a fábula “A cigarra e a formiga” juntamente com ele. Em seguida, as investigadoras pediram para NS ler em voz alta o título da fábula. Depois de ler o título, NS produz, uma longa pausa e se dirige à Ins, dizendo a palavra “praga”.

A partir do contexto de produção, pudemos inferir que o sujeito quis dizer que tanto a formiga quanto a cigarra são pragas. O sentido de “praga não estava contido no texto. Isso mostra o “trabalho com a linguagem” (FRANCHI, 1977) realizado por NS, por meio de associações (FREUD, 1891 [1973]). PN associou seu conhecimento de mundo (a sua condição de pastor) à situação que vivenciava naquele momento, o que possibilitou a expressão de sua subjetividade.

Esses enlaces associativos, segundo Luria (1987), “incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior etc” (LURIA, 1987, p. 35).

Com relação, portanto, ao trabalho realizado, consideramos que a intervenção pode promover a reintegração social do indivíduo afásico, considerando-se seu percurso subjetivo, constituído por meio de suas experiências. Voltando à Franchi (1977), lembramos que a linguagem dá forma às experiências; permite operar a realidade e, ao mesmo tempo, torná-la significativa. Isso se dá em um processo que revela a subjetividade e a identidade (Cf. SAMPAIO e COTA, 2015).

#### 4 Considerações finais

Diante das dificuldades, podemos nos esquivar ou nos colocar à disposição para enfrentá-las. Nos casos de afasia, especificamente, verificamos como a abordagem da ND pode auxiliar os especialistas que trabalham com a fala de sujeitos em sofrimento. Pode servir como fio condutor no desenvolvimento do trabalho. Santana ,(2015), ao tomar como objeto de análise a terapia realizada em um grupo de afásicos a partir da perspectiva da neurolinguística enunciativo-discursiva, considera que o grupo é um espaço terapêutico de possibilidades de reabilitação e, conseqüentemente, de inclusão, já que privilegia a construção conjunta de sentidos; que dá conta das múltiplas facetas da linguagem, quais sejam: o biológico, o interativo, o subjetivo e o social.

Cazarotti-Pacheco (2016) destaca que processos recorrentes na fala dos afásicos: as pausas frequentes, o apoio nos enunciados dos outros, nas repetições (de segmentos, palavras, enunciados de outros ou dos próprios enunciados) e o apoio nas reformulações, nas substituições, revelam tanto os impactos da afasia no funcionamento da linguagem do sujeito afásico quanto o trabalho que ele realiza com aquilo que ainda está preservado. Acreditamos que,

nesse entremeio, a subjetividade se revela. E, além, disso, deixa pistas que contribuem para a condução do processo de reconstrução da linguagem.

Senhorini et al (2016) mostram, na terapia realizada a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da ND, a possibilidade que o sujeito afásico tem de experimentar a reversibilidade de papéis discursivos inerentes ao uso social da língua. Os atendimentos, pautados em situações interativas, relacionadas ao contexto histórico do sujeito, ampliam as possibilidades linguístico-discursivas do sujeito afásico, a partir do momento em que é colocado na interação, como sujeito do discurso.

Essa abordagem neurolinguística auxilia o profissional a reconhecer o que se mantém em funcionamento na linguagem, a verificar as possibilidades linguísticas do sujeito afásico e a investir nessas possibilidades, como meio de intervenção.

Consideramos que, a partir do que foi aqui articulado, tenhamos apontado para aspectos do trabalho que ecoam do livro “Diário de Narciso” e da importância dos postulados teórico-metodológicos que sucederam dele.

As pesquisas realizadas no ECOA buscam evidenciar que, apesar das dificuldades linguísticas decorrentes de uma lesão cerebral, o sujeito afásico desenvolve alternativas de linguagem e novos caminhos para interagir. As dinâmicas de grupo colocam em evidência os processos linguístico-cognitivos; a forma como os afásicos lidam com suas dificuldades e como reagem quando estão face a face com as dificuldades dos seus interlocutores para compreendê-los. As reuniões em grupo possibilitam que os participantes entrem em contato com as mais diversificadas práticas sociais de uso da linguagem. Configuram-se como um momento de partilha de experiências e reinserção em práticas sociais pela linguagem.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, A.; NOVAES-PINTO, R. A semiologia das afasias à luz das teorias de base sócio-histórico-cultural: análise a partir de estudos de casos. **Estudos Linguísticos**. São Paulo. v. 43, 2014.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**, v. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CAZAROTTI-PACHECO, M. Contribuições da análise microgenética às pesquisas em neurolinguística. In: **Estudos Linguísticos**. v. 45. N.2. São Paulo. 2016.

COTA, I. R. **O que ecoa o sujeito afásico RG em um estudo neurolinguístico**. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista/BA. 2012.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em neurolinguística. In: **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

- COUDRY, M. I. H. 10 ANOS DE NEUROLINGUISTICA NO IEL. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), v. 32, p. 9-23, 1997.
- COUDRY, M. I. H. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: UNICAMP, n. 42, p. 99-129, 2002
- COUDRY, M. I. H. Afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, v. 6, p. 1, 2008.
- COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H. et al. (Orgs). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1999 [1954].
- FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 22, p. 9-39. 1992 [1977].
- FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Tradução de Ramón Alcalde. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973 [1891].
- FREITAS, M. T. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/2002.
- GINZBURG, C. Sinais – Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003[1986].
- LURIA, A. R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1974 [1949].
- LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.
- MINAYO, M. C. S. O. **Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993.
- NOVAES-PINTO, R. C Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **Letras de Hoje: Linguagem e cognição – interfaces entre Linguística, Psicologia e Neurociências**. Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012.
- PRESTI, C. **Manual de diagnóstico e tratamento de trombose venosa profunda (TPV)**. São Paulo: EPM – Editora de Projetos Médicos, 2006. 65 p.
- RAJER, F. **A realidade semiológica da anomia**. 2001. 63 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.
- SANTANA, A. P. Grupo terapêutico no contexto das afasias. **Dist Comun**. 2015.

SANTANA, L. T. S. **Interação verbal e escrita: reorganização da oralidade de um sujeito com afasia**. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista/BA. 2015

SENHORINI, G., SANTANA APO, SANTOS KP, MASSI GA. O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística enunciativo – discursiva. **Rev. CEFAC**. 2016.

SOUZA, R. S. **Reconstrução da linguagem na afasia: estratégias de um sujeito afásico para se manter na interação**. 2016. 72 f. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista/BA. 2016.

SAMPAIO, N. F. S. e COTA, I. R. Linguagem e mediação: reintegração social e subjetiva do sujeito afásico RG. **Nonada**, Porto Alegre, n.25. 2015.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989[1934].

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

*Recebido em 16 de março de 2018.*

*Aprovado em 28 de maio de 2018.*

*Publicado em 30 de junho de 2018.*

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Nirvana Ferraz Santos** Sampaio é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas; mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo. É professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua como docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-Uesb). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudos da Língua(gem)" (GPEL/Uesb/CNPq) e líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/Uesb/CNPq). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Neurolinguística, Sociolinguística, Lexicologia e Lexicografia, atuando principalmente nos seguintes temas: funcionamento da linguagem na afasia, linguagem e envelhecimento, comunidades de fala e léxico.  
E-mail: nirvanafs@terra.com.br

**Iva Ribeiro Cota** é mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/Uesb/CNPq).  
E-mail: ivarcota@gmail.com

**Lucélia Texeira Santana** é mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/Uesb/CNPq).  
E-mail: ltssantana\_1@hotmail.com

**Raiane Silva Souza** é mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/Uesb/CNPq).  
E-mail: raianesilva15@gmail.com